



Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

1 de Abril de 2017 • Ano LXXIV • N.º 1906
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Das campainhas

NESTE centenário dos acontecimentos de Fátima, a caminho da celebração da Páscoa da ressurreição de Jesus, em que ecoa o tilintar das campainhas do anúncio pascal, pois Cristo venceu o pecado e a morte, fará algum sentido continuarmos com um contributo rudimentar sobre a devoção mariana, juntando algumas notas de risco americano (do Padre Américo...).

É oportuno, pois, chamar aqui um inciso de Padre Américo que, no seu jeito característico de artista da palavra, registou em Outubro de 1949 uma nota pitoresca e de rico significado mariano na vida de uma comuni-

dade em que viveu e a que presidiu: *Ontem na capela [da Casa do Gaiato de Paço de Sousa] e à oração da noite, por pouco que não havia uma grande bulha. É a campainha. A campainha que cinco vezes dá sinal no fim de cada mistério do terço./ Eu acho isto o movimento mais gracioso e mais natural da nossa casa, porquanto, todos nós, em pequenos, nos recordamos de ter feito na mesma, se na verdade tivemos a feliz oportunidade de tocar sinos, sinetas, ou campainhas.*

Este belo fio entretece-se com esta ponta da meada: *Quando eu era pequenino, rezava-se em família, pelos que andam sobre*

as águas do mar. A propósito, marcou-o muito o afundamento, em 15 de Abril de 1912, do Titanic, no Atlântico Norte, pois o barco onde viajava da Beira (Moçambique) para Portugal, de férias, recebeu um SOS desse pacote de luxo.

No Colégio vicentino de Santa Quitéria, em Felgueiras, com 12 anos, Américo de Aguiar foi admitido como aspirante dos Filhos de Maria, a 8 de Dezembro de 1899; e recebeu a fita dos Filhos de Maria a 2 de Fevereiro de 1900.

A sua vida de piedade mariana continuou a ser testemunhada na adolescência. Aos 15 anos, em Julho de 1903, enquanto marçano de uma loja de ferragens, na

Continua na página 3

SINAIS

Padre Telmo

COMECEI estes sinais, pensando comunicar aos nossos Leitores amigos a beleza do anúncio da Primavera aqui, no Calvário. Mas, entrando na cozinha, deparei com a D. Albertina agarrada às painhas. Todos os sábados, domingos e feriados as voluntárias asseguram as nossas refeições.

Esqueci a Primavera perante as *Primaveras*: Voluntários(as) sempre presentes nos banhos, roupas e refeições dos doentes; mesmo nas Festas, sacrificando a presença na família!

Quem vai agradecer?

O Senhor Jesus — sorri.

OFaneca tem rosto de menino. Seu único prazer é a comida. Há 40 anos que o conheço — o mesmo rosto de menino! Um pouco mais na estatura! O mesmo fogo no olhar na tigela com sopas de leite!

Conhece-nos? O mesmo gesto de mãos que nos agarram as nossas, para que lhe abramos a porta para o sol da varanda. E ali fica, acenando, com ritmo, a cabeça à Natureza amiga.

Não se assusta com a calma dos tribunais, muito menos com rumores injustos. É sempre o Faneca — acolhido há tantos anos e tratado com carinho... □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

DESTA vez trago aos meus Leitores um acontecimento feliz, que enche a alma de todos.

Duas raparigas, já mulheres feitas, vieram perguntar-me se eu teria móveis para compor uma casa no Barreiro, que tinha ardido completamente.

— Sim, senhoras. Ide ao salão de festas, que entretanto faz de armazém, e escolhei à-vontade. Sabeis as medidas dos compartimentos da casa?

— Ah!..., não.

— O melhor será irem ver a casa, tirarem as medidas e, depois, fazem a escolha.

Como fiquei contente. Estas moças não pertencem a nenhuma confraria vicentina mas respondem à sua vocação Cristã.

Aliás, na ascendência delas tiveram alguém que abraçou a fé até às últimas consequências, dando a vida e os bens aos pobres e aos doentes, sem guardar nada para si.

Tomou à letra a palavra do Mestre: — *Se alguém quiser seguir-Me renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me.*

Toda a vida desta ascendente foi uma ilustração contínua do conselho divino. Procedimentos desta natureza marcam as pessoas, e as comunidades, e a gente vê essas marcas naqueles que se deixam tocar pelo Espírito, arrastados pelas circunstâncias.

Informo, ainda, que o empenho destas raparigas, já levou outras pessoas, conhecedoras do incêndio, a doerem-se dos vizinhos e a oferecerem, também, alguns móveis e utensílios domésticos, para que, daqui a pouco, quase nada levarão das nossas mobílias.

Já uma ou duas vezes fomos ao Barreiro, buscar móveis e roupa. Agora, elas voltam a fazer o mesmo caminho e a chegarem aos empobrecidos daquela cidade.

É assim a Caridade Cristã que materializa de forma notória, a transcendente Comunhão dos Santos. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Para dizer num instante toda a verdade, nós temos necessidade de tudo quanto vai da letra A ao Z, mas não se conta que tu dês tudo, não senhor. Os mais, também hão-de dar. Esta obra é de todos os portugueses (...). Se as Casas do Gaiato houvessem de perecer, isso seria a banca rota social dos tempos presentes, a massa falida. Mas não.

in O Gaiato, n.º 1, p. 2.



VINDE VER!

Padre Quim

Sementeira para boa colheita

NO mundo em que vivemos — baralhado pela astúcia dos homens que promovem eras de crise, aproveitando-se da ocasião para enriquecerem, explorando os mais fracos —, o pobre é uma carta fora do baralho, não é contemplado nas decisões da vida do País. Serve de utilidade à máquina opressora, no ano de eleições, como depositante do voto nas urnas. À criança abandonada, nem pão, nem escola. Possível delinquente criado à margem da sociedade, na escola da maior perdição que existe: a rua. Lugar onde, ao aprender, mal, a conjugar o verbo roubar, no futuro a espera

a cadeia. As dificuldades que atravessam as pessoas abandonadas, são chocantes ao princípio de que toda a pessoa tem direito de viver com dignidade e de ser respeitada. Todos os dias recebemos pessoas que desejam ter um lugar na nossa Casa. Aposto que, hoje, em Angola, nem que tivéssemos em cada município uma Casa do Gaiato, ainda teríamos crianças de rua, e na rua. As dificuldades que atravessam as famílias, acabam por fazer das crianças vítimas do abandono.

O ser humano é dotado de inteligência, liberdade e criatividade, e pode ultrapassar as dificuldades

que lhe roubam a paz. A luta pela subsistência impõe-se, temos um campo enorme e fértil para a produção agrícola. O espaço geográfico da nossa Aldeia o indica, todo o Vale do Cavaco é assim. A semente lançada à terra germina, cresce, floresce e se encaixa para o seu fim — dar fruto no tempo da colheita. Os Rapazes gostam mais de ir apanhar o que está maduro no terreno. A primeira fase do trabalho, não a apreciam tanto, porque exige sacrifício e dedicação: estas duas palavras não se encaixam com facilidade no vocabulário da nova

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

(IN)GRATIDÃO — Situações mais recentes e outras mais antigas na nossa vida vicentina e noutro trabalho social cujos detalhes não interessa para aqui trazer lembram-nos aquela parte do Evangelho que relata a cura dos dez leprosos: “Não foram dez os curados” E os outros nove onde estão?” (Lc 17, 17).

Quantas vezes as pessoas a quem ajudamos se esquecem dessa ajuda? Quantas vezes a gratidão pela ajuda que damos vem da parte daqueles de quem menos esperamos? Quantas vezes nos custa não termos nenhum sinal de gratidão pela ajuda que damos a outras pessoas?

Esta deve ser, provavelmente, das lições que custa mais a aprender, mas que é preciso aprender por quem anda no trabalho social. É por isso que este trabalho não é para qualquer um, sendo poucos o que fazem como deve ser e muitos os que o fazem como não deve ser, procurando recompensas de vária ordem para si próprios.

Nas organizações e nas actividades ligadas à acção social há, naturalmente, estes dois tipos de comportamentos. Escusado será dizer que essas organizações e actividades serão melhores quanto mais pessoas e comportamentos lá houver que sejam do tipo do trabalhar sem ter como objectivo obter recompensas pessoais. Claro que, se vier a gratidão por parte daqueles a quem se ajuda, há que acolhê-la, tal como Jesus acolheu o samaritano que voltou para trás para Lhe agradecer o tê-lo curado da lepra. No entanto, se Jesus tivesse curado só quem Lhe agradecesse por isso, teria curado só um, em vez de dez leprosos.

Esta desproporção entre os curados que agradeceram e os que não agradeceram também tem o seu significado. Os que agradecem não são apenas poucos. São muito poucos.

Que Deus nos ajude a aprendermos bem esta lição e a sabermos agir e viver bem com ela.

O nosso NIB: 0045 1342 40035435340 43

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da Administração do Jornal):

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Estamos na Quaresma, é sempre boa ocasião para acordarmos para a realidade de ajudarmos o nosso semelhante que vive com dificuldades no seu dia-a-dia, que muitas vezes é esquecido perante o seu drama de pobreza.

O Papa Francisco lembra a necessidade de cada um reconhecer o pobre. É neste período de Quaresma, que devemos reflectir um pouco mais, parar para pensar nos pobres que nos rodeiam e o que devemos fazer para minimizar o seu sofrimento.

O Papa Francisco escreveu o seguinte: *«Hoje e sempre, ‘os pobres são os destinatários do Evangelho’ e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos.»*

Cada um de nós Vicentinos, e não Vicentinos, temos o dever, como cristãos, de *amar o próximo como a nós mesmos*, o drama da pobreza muitas vezes é lido e falado em belos discursos, mas o que fazemos na prática?, nada ou quase nada, temos de ter em mente que o pobre, por mais pobre que seja, é um ser humano como nós, tem a necessidade que lhe estiquemos as mãos, para que ele não vá ao fundo.

A via-sacra do pobre é andar de barraca em barraca de mão estendida e nós Vicentinos temos obrigação, de fomentar na cabeça dos pobres que visitamos, que ele é um ser humano igual a nós, são parte integrante da nossa vida, quer sejamos vicentinos, ou não, mas como ser humanos, com educação e princípios, temos que ter respeito por eles.

Pai Américo escreveu no livro o Barredo que todos nós devemos trabalhar pela libertação dos nossos irmãos, defendê-los. É este o sentido cristão da sociedade.

Vamos, todos, nesta Quaresma, e não só, dar as mãos e trabalhar em prol de uma sociedade melhor.

Todos sabemos que o País está em crise, que existem muitas dificuldades, mas basta um pequeno gesto, uma migalha, mesmo que seja pouco, para fazer a diferença, e assim todos nós estamos a contribuir com um pouco do nosso amor pelos outros que precisam.

CAMPANHA TENHA SEU POBRE — Alice Ruão, 20€. Olímpia, do Porto, 200€. Anónimo, 50€. Isabel Magalhães, 30€. Otelos Silva, 5€.

Em nome dos nossos irmãos carenciados o nosso muito obrigado e que Deus vos abençoe.

O nosso NIB: 0010 0000 44178020001 58.

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

85 ANOS DA SOPA DOS POBRES — A nossa Casa recordou gratamente na celebração Eucarística do dia 19 de Março, Domingo, o 85.º aniversário da *Sopa dos Pobres*, em que o Bispo de Coimbra D. Manuel Luís confiou a Padre Américo essa missão, na Rua da Matemática, em Coimbra. Foram os primórdios da Obra da Rua (1932), a que se seguiram as Colónias de Férias, desde 1935. No livro *Pão dos Pobres* foram recolhidas algumas crónicas do *Correio de Coimbra* desse tempo. Era a festa de S. José, patrono da Igreja, e é uma data importante da nossa Obra, que festejamos com muita alegria!

AGROPECUÁRIA — A Primavera deste ano já chegou, como se vê bem nas pontas das fruteiras em flor, no chilrear dos passarinhos e no Sol a raiar! Foram adubados os terrenos da cultura da aveia. Tem havido duas tarefas, neste sector, nas últimas semanas: o arranjo do jardim em frente à rotunda Pai Américo; e a limpeza das infestantes na zona do olival da mina, de onde vem a nossa água. Estes trabalhos estão a ficar bem, com a colaboração dos srs. Pedro e Emídio. Tem-se con-

sertado a cerca de rede ovelheira. O José Fagundo foi à Lentisqueira colher laranjas, por contacto da sr.ª D. Mabília, o que agradecemos.

VISITANTES — Pai Américo disse que nós somos a *porta aberta*. Sim, para o bem! Entre outras, recebemos visitas de grupos de amigos e amigas de algumas comunidades cristãs: a 11 de Março, o grupo de jovens de Avelar; e ainda, nesse dia, de Alqueidão, o Padre Álvaro (da Consolata) com catequistas e crianças. Bem-hajam!

AUTORIZAÇÕES DE RESIDÊNCIA — Através de um Programa do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, SEF-Escola, como já aconteceu também na nossa Casa, vários processos de Rapazes com pedidos de Autorização de Residência entraram nesse serviço oficial em Coimbra, no qual somos bem atendidos.

ESCOLAS — Do 1.º Ciclo ao 12.º ano, o 2.º período aproxima-se do fim, pois as férias da Páscoa começam a 5 de Abril. São várias as escolas que os Rapazes frequentam: EBI

de Rio de Vide, Centro Educativo, EB 2,3 c/ Sec., Escola Senhor da Serra e Escola Tecnológica de Sicó. Dois Rapazes estão em estágios de mecânica e cozinha. Os resultados das avaliações era bom que melhorassem.

CATEQUESE — Continuamos a ter Catequese, sempre que possível, tão necessária na vida das famílias. Assim, os grupos são estes: os mais pequenos, ao Sábado de manhã, com a Prof.ª Fernanda; os médios, ao Domingo depois da Missa, com a D. Cecília; outros, à Terça-feira antes do Terço, com a Prof.ª Helena. Agradecemos às nossas catequistas esta missão!

CONTACTOS — Para ajudar os nossos amigos e amigas que nos querem contactar, continuamos a dar esta informação: Obra da Rua — Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, Bujos, Rua Casa do Gaiato, n.º 628, 3220-034 Miranda do Corvo; Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099; E-mail: gaiatomiranda@gmail.com; NIB (CGD): 00350468000055773 3018. □

BEIRE – Ecos de um aniversário

Um admirador

AS “CARAS” da MINHA (NOSSA!) REALIDADE. Para buscar os meus “momentos de silêncio e quietude”, de que Jesus nunca prescindia, refugio-me muitas vezes na *mata de fora*. Ali de frente ao nosso “campo santo” — onde “vivem” aqueles *tão nossos* que o coração não deixa morrer. Tenho lá um lugar bonito para meditar. Contemplar. ESTAR-COM migo, com os outros, com a vida, com o mundo e com Deus — naquele meu *jeito gostoso* em que O vou entendendo... Preciso muito

de um tempo assim, *privilegiado*, para me reconciliar com esta minha RE+alidade, nestas suas cinco dimensões — eu, tu, a vida que nos UNE, o mundo em que ela decorre e o meu “Deus do UNI+verso” neste universo de Deus...

O NOSSO JORNAL AINDA ME TOCA... Tinha ali à mão o último jornal d’*O Gaiato* — n.º 1904, de 04.03.17. Um número de Aniversário. Achei piada à crónica de P.e Telmo, como artigo de *fundo* — «Querido *Gaiato*, fazes anos, parabéns!» Aquele final,

MOÇAMBIQUE

António Luís Mboissa

NOTÍCIAS DA NOSSA CASA — Tem sido motivo de alegria receber visitas em nossa Casa. Desta vez o Tio Pedro e o Afonso estiveram connosco. A eles e aos que nos domingos trazem as suas ofertas, participam da Eucaristia e convivem connosco, o nosso Khanimambo.

As chuvas que caem de mansinho têm sido uma bênção de Deus. Vamos começar a preparar a nossa horta e colher o milho. A pequena Lagoa e a represa, apesar de pouca água, vão garantir os 2 hectares de horta.

Estamos empenhados nos estudos, os manos mais novos fazem um grande esforço para conseguir acompanhar. Não há tempo a perder. Os mais velhos acompanham os mais novos.

O mano Osias viajou para a Casa do Gaiato de Setúbal. Que ele aproveite esta oportunidade para desenvolver mais gosto pela arte. Levou consigo o quadro da nossa Capela para limpar e proteger. Esperamos com ansiedade o nosso quadro.

À Tropigália, a Dincore, ao Mega e a Di-Vino, o nosso muito obrigado pelos produtos alimentares que têm enviado com regularidade para a nossa Casa. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Elísio Humberto

CONVÍVIO — Para comemorar o Dia da Liberdade, a Associação dos Antigos Gaiatos e Familiares do Norte vai realizar no dia 25 de Abril, a partir das 14:30 horas, um Convívio no Largo Gamuz, junto ao Mosteiro de Paço de Sousa. Convidamos toda a gente a comparecer e a participar em ambiente fraterno e festivo com a Família Gaiata. Do programa consta a actuação da Tuna Musical — que fará a estreia do novo equipamento de som —, um sorteio e o convívio gastronómico — trás o teu e come do de todos.

Comparece, que és sempre bem-vindo e recebido com o bom espírito de Gaiato. □

de solidariedade com o nosso P.e Baptista, fala-me da caridade paulina — *primeiro os domésticos da Fé...* Que bom encontrar-me assim entre gente que sabe que “o amor pode torna-se efectivo, mas só para aqueles que cuidam dele”...

Leio depois as crónicas de P.e Júlio e P.e Acílio. Acordando doces memórias do coração, cada um de seu jeito, a E+VOCAR (*chamar aqui alguém que já d’aqui partiu...*) o nosso P.e Zé Maria. Mais uma vez me sinto visitado por aquela desagradável sensação do menino que chora porque perdeu o brinquedo a que, tão poucas vezes, ligava assim tanta importância... Conhecemo-nos muito cedo — ele já padre, mas ainda *aprendiz de Padre da Rua*. Eu andava por ali a ensaiar meus caminhos não andados, mas que já estavam à minha espera. Agora, ao contemplar os rastos que deixou — na *Obra da Rua* e no coração daqueles com quem mais lidou - sinto pena de o não ter aproveitado mais. Estranho este mistério das minhas RE+lações. E que bonito aquilo que neste n.º d’*O Gaiato* nos é revelado desse grande homem de Deus. Que grandeza de alma a deste *Padre da Rua* que comigo privava naquele tempo!!!

A “COLABORAÇÃO DOS LEITORES”. Abro as páginas centrais. Que maravilha ver como e a quantas vidas (*de leigos e de sacerdotes*) este *Famoso* tem alimentado ao longo de tantos anos. Tocam-me particularmente aquelas vidas que, ainda na adolescência/juventude, começaram a lê-lo e hoje, já nos seus 80/90 e tais anos, ainda se sentem *seduzidos*. E de que maneira. Olhem esta: “Venho renovar a assinatura do *Actos dos Apóstolos* dos nossos dias”. Ou: “A Casa do Gaiato está no meu cora-



CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Amigos: Saberá o Papa Francisco que em Portugal houve um Padre, o Santo Padre Américo, que o antecipou em décadas na dedicação inteira aos Pobres? Saberá o Papa Francisco que o Santo Padre Américo via Deus não nas visões místicas mas no sofrimento das crianças órfãs e abandonadas e no dos doentes incuráveis que não têm onde viver e, mais terrível ainda, onde morrer? Quem levará ao Papa Francisco, na sua visita a Portugal, notícia da vida desse Santo que criou a Casa do Gaiato, o Calvário e o Património dos Pobres, e em cuja Obra nascida da essência mais pura do Cristianismo e da Bondade o Papa Francisco não poderá deixar de se rever? Quem lhe levará a notícia daquela que é talvez a obra mais importante realizada no âmbito da Igreja em Portugal no século XX e neste princípio do XXI?

Chegará sempre o dia em que os que não ajudam e até perseguem

os Santos Padres da Casa do Gaiato e do Calvário se perguntarão: que cristãos somos nós? Chegará sempre o dia em que esta Igreja se perguntará onde estava quando os seus Irmãos da Obra da Rua / Casa do Gaiato estavam a ser ofendidos. Chegará sempre o dia em que todos nós, crentes e não crentes, nos perguntaremos o que fizemos e fazemos para merecer que o Santo Padre Américo tenha nascido entre nós.

José da Cruz Santos»

«A propósito da **Parábola da Formiga** — O nosso querido e sempre presente irmão Baptista, num gesto de grande amor e criatividade, fez o milagre de criar um formigueiro, em que à semelhança de todos os outros, ninguém era excluído das tarefas da comunidade, independentemente das suas capacidades físicas ou mentais. E todos se respeitavam e amavam. A coragem, eu diria mesmo deslante, do

nosso irmão foi tal que, ao contrário do habitual, o formigueiro foi construído em sítio altaneiro, sem muros, onde o sol era farto para que todos o pudessem ver, visitar e, porventura, partilhar do ambiente de paz e amor que era a sua marca matricial.

No meio da sua loucura apaixonada, vejam lá que até se esqueceu dos formigões. Predadores inveterados dos formigueiros, a quem têm um ódio de morte. Mais ainda se estropiados, física ou mentalmente.

Vestem bem. Muito esmoleres, roubando sempre mais aos seus protegidos, do que a esmola que lhes dão em troca. No plano social, têm profundas e amistosas relações com os políticos, poderes civis, eclesiásticos e todas as formas de poder instituído e organizações de mérito e bem fazer. Desta forma podem aproximar-se camaleonicamente das suas presas e desferir-lhes inopinadamente o golpe de morte.

Meu irmão Baptista, melhor fora que tivesses enfiado as formigas debaixo da terra, em galerias

bem profundas para que ninguém as visse e se sentisse incomodado com tal espectáculo. Ainda por cima, estarias a recato dos ataques dos formigões.

Penso em ti e, de uma forma obsessiva, vem-me à mente um Outro, da tua raça, já lá vão cerca de 2000 anos.

Conviveu com prostitutas, proscritos, estropiados e para todos teve palavras de acolhimento e ternura. Palavras destemperadas só as usou com os formigões da época. Porque eram falsos e a Boa Nova lhes aturdiu a cabeça.

E o que Lhe aconteceu? Foi julgado, condenado, acabando por dar com os costados na cruz, tinha então 33 anos. Um jovem.

E o que mudou desde então?

Nada. Tudo não passou de uma Bela Utopia.

Mas, pensando melhor, talvez não seja assim. Porque, sem Ele, tu não terias sido o que foste, nem eu te teria conhecido, a Ti, meu Bom Padre Baptista. Deus talvez me tenha querido falar ao coração, não por detrás de nuvens de incenso nos templos, mas através de Homens como tu, crentes ou não crentes, que souberam amar incondicionalmente os que os rodearam, sem previamente lhes terem perguntado: quem és tu? para onde vais? qual o teu caminho?

Vosso irmão Mário, companheiro de viagem nesta imensa Arca de Noé, que são as nossas vidas.» □

MOÇAMBIQUE

Quitéria Paciência Torres

Comunicar é viver

ESTE ano escolhemos na nossa Casa um tema relacionado com o nosso dia-a-dia: *Comunicação*. Perante os mais sofisticados meios e tecnologias de comunicação ficámos menos humanos e corremos o risco de não nos conhecermos. O alicerce principal para o sucesso em família é o falar, partilhar, rir, brincar, conhecer e deixar que os outros possam entrar no nosso interior sentindo as nossas capacidades e fraquezas, num ambiente de fraternidade.

Poder falar e ouvir de uma forma transparente e humana, não é tarefa fácil. O próprio Jesus quando falava com os seus, procurava a forma mais simples para que pudessem entender a vontade de Deus.

No fim de cada dia temos sempre um momento de partilha muito completo: primeiro a nossa Oração que não é apenas um repetir de Avé-Maria mas sim todos procuram colocar suas intenções conforme dita o seu coração e juntos rezamos uns pelos outros; a seguir, um tempo para rever os acontecimentos do dia, onde com muito carinho os mais velhos vão colocando as preocupações, uns com um tom de irmão a chamar a atenção dos mais novos na tentativa de poderem aproveitar bem o tempo e os mais novos, com muita simplicidade, abrem-se numa tentativa de pedido de ajuda: “France rasgou o meu caderno”; “Hoje o Manuel não foi à horta”; “Os meninos da Lavan-daria esconderam as camisolas novas”; “Os pastores foram ao pomar e...”. Com quanta simplicidade transmitem as suas inquietações. Como seria maravilhoso que nós, os adultos tivéssemos esta capacidade de nos chamar pelos nomes de uma forma educada e cristã, só assim poderemos estar em verdadeira comunhão familiar e com Deus.

Os mais pequeninos, Deus sempre privilegiou pela sua simplicidade e abertura. Muitas vezes ficamos angustiados perante os mais crescidos que nos batem a porta muito tarde, porque não foram capazes desta abertura durante a caminhada.

Todos os fins-de-semana vem um grupo dos rapazes mais velhos, alguns casados, com filhos, para apoiar nas actividades de Casa. Passam pelas casas, dão orientação aos chefes e entre eles ajudam-se mutuamente e no fim do dia vão contentes para suas casas com a consciência tranquila da missão cumprida. Conforme dizia Pai Américo: “Eles é que orientam”.

Neste ano onde escolhemos o tema, comunicação, todos os dias exercitamos técnicas para desabrochar o que está dentro de nós. Os olhos são as janelas da nossa alma, por isso ao falar fazemos o possível de olhar nos olhos para sentir o coração daqueles que nos falam.

O Jornal “O Gaiato” tem sido para nós um instrumento, através do qual, podemos interagir e enriquecer o nosso dia-a-dia com reflexões e notícias dos nossos Padres e de todas as Casas. Pai Américo ao pensar em nós, abriu-nos para a verdadeira comunicação com Deus entre nós e com o mundo. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.org.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21400

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

cidade do Porto, numa missiva ao seu irmão mais velho Padre José, ora em Cochim, escreveu: *Vamos a todos os exercícios religiosos como o mês de Maria*. Américo de Aguiar participava nas celebrações na Igreja de S. Lourenço, do Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição. Mais, em Junho de 1904, noutra carta para o mesmo sacerdote, refere ainda: *Agradeço-lhe os conselhos que me deu com respeito à devoção a Maria Santíssima*.

Treze anos depois (1917), em horas trágicas da história e sob os efeitos das medidas persecutórias contra a Igreja, Fátima foi-se tornando um grande centro de peregrinações, atraídas pelos testemunhos de três crianças baptizadas; embora só em Outubro de 1930 tenha sido autorizado oficialmente o seu culto. Pode dizer-se ainda que este fenómeno e problemática superam em muito esses acontecimentos, cuja complexidade se comprova pelas múltiplas abordagens possíveis e investigações em curso, mais serenas actualmente, mesmo debaixo de fogo.

Nesta matéria, seguramente, ensina-nos o II Concílio do Vaticano, na Constituição Dogmática *Dei Verbum* (n.4), que não se há-de esperar outra revelação pública antes da gloriosa manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo. E no *Catecismo da Igreja Católica* (n.67), vem expressamente: *No decurso dos séculos tem havido revelações ditas privadas, algumas das quais foram reconhecidas pela autoridade da Igreja. Todavia não pertencem ao depósito da fé. O seu papel não é aperfeiçoar ou*

completar a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a vivê-la mais plenamente numa época da história. O Cardeal Ângelo Sodano, em 15 de Março, afirmou que *há uma mensagem de esperança que chega até nós a partir da celebração do centenário das aparições de Maria Santíssima em Fátima*.

A talho de foice, a dinâmica comunidade cristã de S. José, em Coimbra, tão próxima e que tem acolhido iniciativas celebrativas sobre Padre Américo e em especial o *Dia do Gaiato*, neste ano centrou as interessantes conferências quaresmais nos Cem anos de Fátima, com a tónica na *Graça e Misericórdia* da sua mensagem, como síntese deste grande acontecimento eclesial, cujo significado deve ser conhecido e melhor compreendido.

É justo assinalar aqui que, na véspera de S. José, depois do nosso último encontro e antes do seu aniversário natalício (14 de Maio), Monsenhor Doutor José Galdes Freire baixou à *poeira gloriosa*, aos nossos olhos e preces, com elogio académico, na Conchada, em Coimbra. Foi um grande vulto da Igreja e das Letras, mestre incansável e com a sua pena de latinista exímio e fatimologista.

Pai Américo passou diariamente as contas do Rosário com tanta devoção desde o regaço de sua mãe até ao dia da Senhora do Carmo. Esta oração simples à Mãe de Deus com certeza também ajuda os seus filhos no Caminho do Céu!

Veremos, ainda, alguns sinais do vento que soprou em Fátima, em Maio de 1952, pois falou das suas experiências do Pobre, de forma extraordinária. □

ção. Se eu tivesse menos 15 anos, queria ir trabalhar para a vossa Casa, fazendo o que fosse preciso”. Aquele Galileu, lá d’aquele tempo, acusado de “sedutor do povo”, ainda continua a fazer das Suas... Ainda seduz. Até pelas páginas do nosso *Famoso*, escritas com o suor do rosto de quem a Ele se dedica — a humanizar os Seus irmãos mais esquecidos. Porque vistos e avaliados à luz de uma *técnica sem misericórdia* — nova forma de tirania... Ai que saudades da minha adolescência/juventude em que, aprendiz de beneditino, todo me ardia o coração ao ler Pai Américo — n’O *Gaiato* e/ou nos seus livros. Porque ele ainda era parente de D. Gabriel de Sousa, então Abade do Mosteiro Beneditino de Singeverga, O *Gaiato* tinha honras de “leitura do refeitório” — no Colégio dos Oblatos e na Comunidade Monástica. Em mim despertava-se-me já aquele sonho de Luther King: ... ver todos os

filhos de Deus julgados pela sua d’IGNI+dade e não pela cor da pele, estrato social em que se nasce e/ou pela *inteligência* que se mostra... Como se o homem valesse o que vale a sua cor, a sua conta bancário ou a sua elite intelectual. Ali, entre aqueles meus 12 e os 22 anos, aprendi que “um homem só vale o que vale o seu coração”. Esse que mata a gente...

Encantava-me aquela leitura d’O *Gaiato*, no refeitório. Quantas vezes, de enternecido, ia depois buscar o jornal para, a sós no quarto, ruminar aquelas passagens que mais me tocavam. Copiei páginas e páginas. Decorei frases e frases. E com que gosto, depois já como formador, citava textos de Pai Américo, que conhecia bem de cor! Hoje, já nos meus 80 anos, ainda é assim. Aquele sedutor ainda continua a fazer das Suas... Servindo-se dos que O seguem, sobretudo no serviço aos últimos dos últimos.

OLHAR PARA TRÁS, AGORA QUE... Sabe-me bem olhar hoje estes 68 anos em que, pela primeira vez, comecei a ouvir falar d’O *Gaiato* e a saborear as suas páginas. Com que ternura recordo crónicas de Pe Horácio, Pe Baptista, Pe Acílio. E que bem me fizeram. Me foram bálsamo em momentos duros que a vida quis pedir-me. Aquele estilo, à *Pai Américo*, marcou as minhas aspirações literárias... Eram os meus 12 anitos, saídos do campo, mas já sonhadores, de quem se sente “Filho de Deus”... Mesmo sem perceber ainda toda a grandeza desta realidade. Isso de que Martin Buber (o filósofo judeu que tanto trabalhou por nos mostrar a grandeza do “NÓS” por oposição à pobreza do “tu” e do “eu”) gostava de dizer: “A maior desgraça que pode acontecer a uma pessoa é esquecer-se que é filha de um rei”... □

BENGUELA

Padre Manuel António

Sinais de fraternidade

UM dos segredos da nossa verdadeira felicidade está no amor ao próximo. O egoísmo humano que leva cada um a pensar, apenas em si mesmo, rouba-nos a forma digna de viver. Reparte o teu pão com o faminto, dá pousada, no teu coração, ao pobre sem abrigo, leva roupa ao que não tem que vestir e não voltes as costas ao teu semelhante. São palavras que nos são ditas pelo Espírito Santo. Sem dúvida, esta forma de vida é custosa e supõe sacrifício. Leva-nos a não pensarmos apenas em nós mesmos, mas a levarmos a nossa atenção aos problemas e necessidades alheias. É neste bem de todos, porém, que toda a pessoa humana encontra a plenitude da sua felicidade, a realização da sua vocação. Por exemplo: O que acontece numa família onde o pai ou a mãe pretendem viver só para si mesmos? Ali, chega a tornar-se impossível uma vida verdadeiramente humana. Esta situação, salvaguardadas as devidas proporções, vale para qualquer situação em que cada um se encontre. Por isso, o amor ao próximo deve ser uma condição do nosso viver diário. É uma experiência vivida pela nossa Casa do Gaiato de Benguela, dum modo especial, no momento presente. Um período muito difícil está a ser vivido pela nossa querida Angola. O seu povo, sobretudo os mais pobres, vive com muitas carências, a

nível alimentar e da saúde. Diariamente batem à nossa porta a pedir ajuda. Abrimos-lhes sempre o nosso coração, na medida das nossas capacidades.

Ao passar por alguns pontos da nossa cidade de Benguela, onde há restaurantes, vejo, em alguns dias da semana, uma quantidade grande de pobres, de ambos os sexos. São mais velhos e estão sentados, junto das portas de entrada, à espera de ser atendidos. É um gesto cheio de significado. Os estabelecimentos alimentares reservam também, deste modo, uma porção de comida para matar a fome ao povo necessitado. Um desses restaurantes, o ESCONDIDINHO, é propriedade do Gabriel, um dos filhos muito queridos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Foi recebido, ainda muito pequeno. Cresceu e formou-se, até que teve a iniciativa de criar este centro muito importante da sua actividade. Tem outros. Continua com o seu amor de filho para com esta Mãe que o criou e ajudou a ser um homem digno da nossa sociedade. Fico feliz, quando vejo o grupo numeroso de pobres que são acolhidos e recebem a alimentação de que necessitam, para mais algum tempo de vida.

Os pedidos para o acolhimento de mais filhos abandonados, em nossa Casa do Gaiato de Benguela, continuam. Ainda não temos possibilidades de os receber. O

emprego para os filhos que estão na idade de saírem, para viverem a sua autonomia, fora da Casa do Gaiato, continua muito difícil. Este é um dos grandes problemas por que estamos a passar. Vamos continuar a sofrer, com muita esperança. Sem dúvida, o amor e o carinho para com estes nossos filhos, em especial os mais pequenos, da parte das pessoas que nos conhecem, continuam muito vivos. Há dias, levamos o Eduane, de 6 anos de idade, ao Banco de urgência do Hospital de Benguela, com um braço partido, já ao fim do dia. Perguntaram o nome dos pais. Foi acolhido, em nossa Casa, com um papel de identificação, sem o nome dos pais. Era um filho abandonado na rua. Foi acolhido no Abrigo dos Pequenos e transferido para a nossa Casa do Gaiato. Tratado com todo o carinho, vai ser acompanhado com muito amor, até à cura total. Estamos a celebrar, nesta data, o Dia do Pai. Vamos procurar viver com um coração de verdadeiros pais, cujo amor acolha todos os filhos, mas, dum modo especial, aqueles que foram abandonados. A nossa Casa do Gaiato de Benguela nasceu para ser a Casa de Família dos filhos sem família. A sua subsistência depende do amor e generosidade do coração de cada um e cada uma de vós. Procurai este caminho da felicidade, capaz de encher as vossas vidas. Enquanto tiverdes alguns bens de reserva, não os guardeis somente para vós. Partilhai-os com estes filhos. Ficam à espera. Recebei um beijinho dos filhos mais pequeninos da nossa e vossa Casa do Gaiato de Benguela. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Confissões

FARTOS que andamos todos de acusações públicas, por isto ou por aquilo, com este ou com aquele, com fundamento ou sem ele, sabe-nos bem e alivia-nos um pouco, passar por outras experiências em que a verdade se assume e se conhece no simples trato entre os envolvidos nos problemas.

Vem isto a propósito do que entre nós sucedeu, em três ou quatro situações com os nossos Rapazes.

Nas brincadeiras dos nossos mais pequenos, qualquer lugar, mais à mão, onde se possam esconder uns dos outros, serve para fazerem o jogo das escondidas. A nossa capela está mesmo ali à frente do cruzeiro, centro de onde partem para lá tentarem voltar sem serem descobertos. Ora assim fizeram o Manelinho e o Nuno, que não hesitaram em se esconderem no interior da capela.

Lá, na nossa capela, está também Nosso Senhor “escondido”, como se Lhe referia o pastorinho Francisco. E decerto não levou a mal aos nossos Rapazes, que também eles ali se fossem esconder dos companheiros de brincadeira, embora saibamos nós e como lhes foi dito, que há outros lugares próprios para brincarem.

Dentro da capela, procurando o cantinho mais a jeito, acabaram por deitar ao chão as velas do altar, as quais tendo um recipiente para a “cera líquida”, se racharam, ficando inutilizados.

Isto sucedeu por duas vezes. Na primeira vez fora o Manelinho e na segunda o Nuno.

Claro que não sabíamos quem tinha(m) sido o(s) autor(es) da avaria, mas não andávamos muito longe da verdade ao suspeitar que se tratava dos «Batatinhas» da casa-mãe.

Reunindo-os a todos de uma vez, lançámos o assunto e perguntámos se teria sido algum deles o autor da asneira. Não foi preciso insistir muito para que o Manelinho, com um sorriso maroto, se acusasse, dizendo que da primeira vez fora ele que deitara a vela ao chão. Mas tinham sido as duas danificadas! Então o Nuno, com o seu jeito compenetrado e sereno, disse que fora ele a deitar a outra vela ao chão.

Feitas as devidas advertências, mais de contentamento interiormente saboreado que de censura, ficou o caso sanado e que esperávamos não voltaria a acontecer.

Mas não se ficaram por aqui as travessuras julgadas neste pequeno tribunal que levámos a efeito com os nossos «Batatinhas»...

Deu-se o caso de aparecerem escritas numa parede exterior do nosso refeitório, umas letras que embora pequenas, saltavam à vista porque a parede é branca. E, também, numa das janelas dos cicerones, alguém escrevera com um marcador.

Postas no ar estas escritas, feitas em lugar impróprio, falou de imediato o Quintino, assumindo a autoria das letras na janela. O Nuno, não demorou a assumir as da parede.

Que melhor fruto quaresmal poderia colher dos nossos «Batatinhas» como estes? É que não andamos muito habituados a estas transparências! Como a verdade nos ajuda a crescer com confiança!, fazendo destes acontecimentos uma boa aprendizagem para vencer os erros, que todos cometemos, e que os nossos «Batatinhas» ainda hão-de cometer ao longo das suas vidas. □

VINDE VER!

Padre Quim

Continuação da página 1

geração. A era digital é responsável pela criação de uma cultura que promove meninos e meninas com diplomas na mão e que passam fome porque se recusam a realizar trabalhos humildes, como pegar numa enxada para preparar a terra, semear, regar, cuidar até à abundante colheita. A agricultura é a fonte de subsistência mais segura para as famílias, é o caminho para sair da miséria.

A ilusão de uma riqueza dependente do petróleo, vai em sentido descendente. É em tempos de crise que se pode realizar o que não foi feito em tempos de bonança. As dificuldades são maiores e, por assim se constituírem, podem despertar uma corrente de maior solidariedade entre as pessoas, se tivermos em conta que, “a dor e o sofrimento tornam as pessoas mais unidas”; nesta fase, para podermos colher com abundância o que semearmos, gostaríamos de começar a levantar o nosso muro para defender o que temos em Casa. Um bloco, dois, três blocos, mais pedras e mais cimento, eu acredito. Os furos de água necessitam de uma profundidade de quase cinquenta metros, só estão a trinta e a água assim é salgada como a do mar, não dá para muito. São as nossas rosas, nunca sem espinhos! A conclusão é de Pai Américo; “a criança na nossa Casa é feliz, a colher os saudáveis frutos de uma vida que jamais conheceram”. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Banda

A nossa banda voltou ao activo. Não quer dizer que tenhamos interrompido as aulas de música, a aprendizagem instrumental ou os ensaios colectivos. Não. Houve um certo esmorecimento com a retirada de alguns rapazes pelo tribunal de família e a saída de outros por espontânea vontade própria.

Verifica-se que a nossa banda nunca é definitiva. Há sempre elementos a sair — o que nos causa algum embaraço e pode até acarretar o desânimo, pelo facto de um número dos rapazes ter diminuído. Sem eles, não há banda. Apesar disso, voltámos a actuar e, na opinião do jovem e competente maestro, nunca tão afinadinhos.

Foi em Lisboa numa festa promovida pelo 115 do Lion's Clube de Portugal para entregar o prémio do melhor desenho sobre a paz a nível internacional e a melhor composição escrita sobre o mesmo tema feito pelas crianças das escolas portuguesas. O desenho foi concorrido por crianças de 160 países de todo o mundo. O português mereceu menção honrosa.

O escrito limitado ao País, ganhou o primeiro prémio, sendo o autor um rapazinho de Palmela, de uma escola particular.

A nossa banda com outros números artísticos de algumas escolas de dança da Capital e um consagrado contador de histórias, abrilhantou o evento, sendo muito aplaudida e convidada por outras ocorrências.

Espero que outros rapazes se agarrem ao solfejo para, em breve, tomarem na mão um instrumento que virá dar mais corpo musical ao conjunto.

Sambinha

O seu nome é Samba Djedjo. Já a ele me referi pelo seu abandono na alta de Lisboa.

É uma criança de oito anos, de cor negra, olhos ramalhudos e muito meiga.



O pai visitou-o por duas vezes e, na última, almoçou com ele no nosso refeitório. Vive nos arredores da Capital com outros Guineenses na mesma casa porque não ganham o suficiente para terem cada um a sua.

Nas Vésperas do dia do pai, Sambinha trouxe da escola uma pastinha vermelha com o nome “pai” em dourado por fora e dentro um trabalho manual da sua autoria.

Sem dizer nada, entregou-me a sua preciosidade olhando-me ternamente.

— *Mas eu não sou teu pai* —, disse sem pensar. — *O teu pai esteve contigo há dias.*

Arrasei de lágrimas os olhos do Sambinha que me fitou desgostoso. Arrependido acariciei-o logo: — *Não sou teu pai mas faço as vezes dele não é?*

— *É sim senhor!* — Disse ele aliviado.

Na verdade, levo-o e vou buscá-lo muitas vezes à escola. Faço-lhe algumas meiguices e trato-o sempre por Sambinha. Come à minha mesa, junto a mim; e tenho-o ajudado na aprendizagem da leitura.

O menino também se tem agarrado afectivamente à minha pessoa.

Soube-me tão bem aquele “é sim senhor” que me confortou do estremecimento que lhe havia provocado. □